



BOLETIM DO

VINTE E QUATRO HORAS NA VIDA
DUMA TELEFONISTA...

(Ver página 8)

Grupo Desportivo do Pessoal da

COMPANHIA DOS TELEFONES



Vinte e quatro horas na vida duma telefonista

O título faz lembrar Stefen Zweig. Mas não. Trata-se, somente, da existência calma duma telefonista da A. P. T., pequenino romance que não sendo de capa e espada, começa na... capa e termina na página 10. Descreve-se em poucas palavras: Era uma vez uma telefonista chamada Maria de Lourdes Santos Bastos. Naquele dia o horário era das 8 às 16 horas. As 5 horas levantou-se, preparou-se, foi consultar o espelho do guarda-fato sobre os últimos retoques do penteado, tomou o café matinal e, na cozinha, arranjou o almoço que teria de levar para a Companhia. Despediu-se da família, ocupou um lugar no carro eléctrico e minutos antes das oito dava entrada no edificio da Trindade. Uma bata branca e uma cadeira giratória puzeram-na em frente do trabalho: *Rua de tal, número tantos tem telefone?* — *Um momento...* As horas passaram depressa e não tardou a do almoço, uma hora

(Segue na página 10)



O «Boletim» no Porto

Praça da Liberdade...

O Telefone perante o desporto

Quase toda a gente sabe que hoje o telefone — símbolo do progresso e da civilização — é imprescindível nas múltiplas actividades da vida moderna.

Em tempos, era ele considerado objecto de... luxo, mas com a evolução que o progresso, de então para cá, sofreu, tornou-se um instrumento útil e absolutamente indispensável.

O seu largo emprego nos nossos dias, assim o justifica plenamente.

Inclusivamente o desporto, embora indirectamente, utiliza largamente os seus serviços, afim de corresponder às exigências actuais. É por seu intermédio que o decorrer ou os resultados das pugnas, são transmitidas rapidamente, a grandes ou pequenas distâncias, às redacções dos jornais ou, enfim, a qualquer parte onde se queira conhecer os mesmos.

— Que se passaria sem ele, havendo como habitualmente há, necessidade de se conhecer o resultado dum encontro, disputado a grande distância?

Seriam tantas e de tal ordem as contrariedades, que eu por mim limitaria-me-í a dizer-lhes que adivinhem...

Mas não fica por aqui a sua acção no desporto, pois é ainda por intermédio das linhas telefónicas que se fazem os relatos directos pela rádio, que como sabemos permite-nos acompanhar o desenrolar de um desafio, no mesmo instante que o mesmo decorre.

Independentemente destes grandes serviços, serve ainda para os mais variados e complexos fins adentro do desporto, que não merece a pena descrever, em virtude de, os que acima vão apontados, serem o suficiente para se poder dizer: *Muito deve o desporto ao telefone!*

ANTÓNIO AUGUSTO GOUVEIA

Um por todos, todos por um!

Agora, que nos anais da A. P. T. do Porto, vai ser gravado um acontecimento que, sem dúvida, será do agrado, não de alguns, mas da maior parte, espero que se torne mais clara a união que devia presidir a todos os actos de um agrupamento colectivo, nomeadamente o nosso.

É que, se o trabalho diário nos absorve o melhor da nossa vida em proveito do patrão, é lógico e humano que a entidade patronal venha até nós, oferecendo-nos, num gesto fraternal de amizade sincera, a sua ajuda não só material e moral, mas também a sua própria presença.

Esqueçamos tudo que nos possa dividir, e, juntos num só núcleo, irmanados numa só vontade, lutemos pelo patrão, pela cultura, pela profissão, e a bem da sociedade em geral. Cultive-se o respeito, numa colaboração contínua!

Podemos, se nós quisermos, ser um futuro farol, modelo e guia de outros empreendimentos.

A bem de todos.

DR. JODIO

Se aquilo que a gente sente...

«Se aquilo que a gente sente
Cá dentro tivesse voz»...

como o mundo seria mais são e como diferente seria a própria Natureza!

Assim, quanta hipocondria se esconde num sorriso, quanta dor se disfarça num turbilhão de divertimentos, quantos sentimentos se recalcam numa aparente indiferença; oh! quanta tristeza se encobre com uma sonora gargalhada!

E tudo porque no decorrer da vida, todos nós aprendemos a viver com uma encantadora máscara afivelada no semblante procurando esquecermo-nos dos males que nos rodelam tirando dela o melhor partido possível.

No entanto se em vez do rosto fosse a alma que andasse à vista e dela brotasse uma palavra de súplica, talvez a verdade e a caridade andassem mais aliadas, fossem mais predominantes e assim

...«Muita gente, toda a gente
Teria pena de nós.»

SARA JACINTO

Idêntica prisão

*Pobre canário, preso na gaiola,
Com asas p'ra voar... Pobre avesinha!
Comparo a tua vida com a minha...:
Causadas de aturar a mesma escola!...*

*O curso que tiramos não consola
A nossa aspiração, que a sós caminha,
Numa ansiedade sempre acanhadinha,
Num pensamento alado que se evola...*

*— És tu, nessa prisão que te puseram,
E eu, pobre de mim... a quem não deram
Facilidades, se um gosto me notassem...*

*Ambas com asas p'ra voar tão alto!...
Oh! tu num salto e eu num outro salto...
— Onde iríamos nós se nos deixassem!...*

Espinho.

EMA SIMPLICIO

Vinte e quatro horas na vida duma telefonista...

(Continuação da página 8)

pequenina em que a Maria de Lourdes, com suas colegas, fez honras à refeição que preparara. E aqui termina a história das fotografias da capa. Prosseguindo... na página 8: As 16 horas, ganho o dia num puro ambiente de trabalho, Maria de Lourdes guarda os apetrechos da sua faina e, satisfeita com o dever cumprido, abandona a estação da Trindade. Regressa a casa... *Tic-tic-tic*, lá vai ela, depois de sair do eléctrico, à procura do lar. Trata das suas coisas — uma futura dona de casa tem que se lhe diga! — cuida das flores, pensa numa próxima ida ao cinema, lê uma ilustração, procura afastar o João Pestana que anda por ali e cerca das 21 janta com a família, tendo a mãe à direita e o pai — Ernesto Bastos, também funcionário da Companhia — à esquerda.

Um bocadinho de telefonia, mais forte insistência de João Pestana e não tarda muito que Maria de Lourdes durma tranquilamente.

As 6 horas acordada. E o resto, não dizemos porque o horário é o mesmo...



Colocação dum novo cabo na ponte de D. Luís I

Fazia parte do vasto programa de trabalhos que a A. P. T. está realizando na área do Porto a colocação dum novo cabo na ponte de D. Luís I. A finalidade era aumentar o número de junções e troncas entre as estações ao Norte e ao Sul do rio Douro.

Passar o cabo da ponte era tarefa que os rapazes dos cabos e das linhas sabiam ser trabalho delicado. Alguns, mais antigos, ainda se recordavam da passagem do primeiro. O de agora, porém, era bem mais pesado... Mas nada de receios... pois tanto importava trabalhar num poste de 15 metros como dependurado no arco da ponte, a cerca de 70 metros de altura. E é curioso que os rapazes dos cabos, menos habituados às alturas, disputavam entre si e com os guarda-fios, os lugares mais perigosos!

As fotografias dão uma ideia, embora pálida, de algumas fases do trabalho. O cabo, de 250/20, armado, foi passado em dois lanços, ficando com uma junta a meio da ponte. Puxado à mão, para ser depois pregado numa guia de madeira, lado a lado com o existente, ficou situado poucos metros abaixo do tabuleiro superior, próximo do passadiço de serviço.